

Surrealismo e Américas*

Ruben Daniel Méndez Castiglioni**

Numa época em que tanto se discute a vinda dos europeus para a América, surge uma obra abordando “conquistadores” de um outro tipo, aqueles que se aventuraram pelo “Novo Mundo” procurando os poderes poéticos perdidos pela civilização ocidental. Trata-se dos surrealistas americanos que se lançaram na aventura de explorar os diversos domínios do “reino sem limites da imaginação” (MOLINA, 1999:25). Trata-se também dos surrealistas europeus, que percorreram vários países do continente movidos pelo entusiasmo que neles despertavam as sociedades “primitivas”, pré-colombianas e populares da América. A obra em questão é *Surrealismo e Novo Mundo*, belíssimo e denso volume coletivo organizado pelo professor Robert Ponge (UFRGS), com a colaboração da professora Nara H. N. Machado (PUCRS), publicado pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre, 1999. 336 p.).

O livro reúne 23 ensaios que estudam o intercâmbio entre o surrealismo e a América, cujo relacionamento foi uma frutífera via de várias mãos. Fruto de uma colaboração internacional significativa (os autores são oriundos de oito países), a obra apresenta artigos escritos por pesquisadores do assunto e por nomes do surrealismo europeu e

*Recebido para publicação em junho de 2000.

**Professor do Instituto de Letras da UFRGS.

latino-americano, como, por exemplo, os franceses André Breton e Benjamin Péret, o espanhol Eugenio Granell e o mexicano Octavio Paz.

O volume começa com os ensaios – breves mas líricos e profundos – de quatro poetas surrealistas hispano-americanos que procuram definir o surrealismo. No primeiro, intitulado *Surrealismo Novo Mundo*, o argentino Enrique Molina, relembra que o surrealismo é, acima de tudo, um estado de espírito que procura se alçar “como resposta ao trágico conflito de nossa condição, dividida mentalmente em compartimentos estanques que a dilaceram” (1999:25). No segundo, *Chama-se poesia tudo aquilo que fecha a porta aos imbecis*, o também argentino Aldo Pellegrini e pioneiro entre os pioneiros (em 1926, foi fundador do primeiro grupo surrealista no continente), destaca a poesia como um valor essencial, vital, transformador. Em *O instinto*, o poeta chileno Enrique Gómez-Correa sublinha que o surrealismo procura “restabelecer o justo equilíbrio entre o instinto e a razão, eliminando todo conflito de primazia entre eles” (1999:33). Em *A maçã de fogo na árvore da sintaxe*, Octavio Paz (que mais tarde viria a obter o Prêmio Nobel de Literatura) afirma, numa série de enumerações a respeito do movimento, que o surrealismo “tem sido as botas de sete léguas com as quais escapam os prisioneiros da razão dialética” (1999:38).

Seguem dois artigos especificamente didáticos e históricos: *Situação do surrealismo para um escritor de hoje* e *Surrealismo e viagens*. No primeiro, o surrealista francês Claude Courtot apresenta um retrato da vida do movimento e um balanço do mesmo, dando ênfase à sua própria experiência. Por sua vez, no decorrer de um texto que, como o próprio título indica, se debruça sobre as viagens dos surrealistas pelo planeta e particularmente pelas Américas, o prof. Ponge aponta que estes partiram de um diagnóstico sobre o mundo moderno em que vivemos (“uma civilização sem mitos, desprovida do senso do maravilhoso; um mundo sem poesia, que nega a poesia”, 1999:74) e que, ao procurar novas formas de sentir e pensar, não

puderam ignorar o “potente ponto de apoio” (ibid.) das artes e culturas “primitivas”, pré-colombianas e populares das Américas.

É justamente este o assunto do próximo artigo, *América indígena e surrealismo*, em que, a partir de considerações acerca dos rituais, dos sacrifícios humanos, da magia e da metáfora, o escritor e pesquisador francês José Pierre desenvolve uma análise original, instigante e muito bem fundamentada, tanto dos traços essenciais do pensamento “selvagem” que caracteriza a vida cultural e artística dos indígenas de nosso continente como dos ensinamentos que os surrealistas dela extraíram para uma reflexão a respeito dos processos fundamentais da poesia e da arte.

Os três artigos seguintes (*A diáspora surrealista na América durante a Segunda Guerra Mundial*, *O surrealismo acima do Velho e do Novo Mundo* e *O passageiro do transatlântico: Benjamin Péret e a América*, de autoria dos surrealistas franceses Jean Schuster, Édouard Jaguer e Claude Courtot) concentram suas investigações nas atividades dos surrealistas europeus que residiram em nosso continente (alguns chegando a passar mais da metade de sua vida nas Américas), com destaque para alguns países como, por exemplo, EUA e México, sem esquecer as duas estadas no Brasil do poeta surrealista francês Benjamin Péret (que casou com a cantora lírica carioca Elsie Houston, teve um filho brasileiro e escreveu vários ensaios sobre a história, a cultura e as artes de nosso país).

O livro volta-se, então, para o surrealismo latino-americano. Relativamente à identidade deste, o poeta colombiano Raúl Henao salienta a sua ousadia em “sempre pedir o impossível: o champanhe do sol, esse sol negro derramando-se sobre o mundo, batizando um novo mundo amoroso” (1999:160)! Por sua vez, sem esquecer de relembrar os nomes de vários artistas plásticos (com destaque para o cubano Wifredo Lam e o chileno Roberto Matta), o ensaio intitulado *Sobre o surrealismo hispano-americano: o fim do papo-furado*, de autoria de Octavio Paz, dedica-se a afirmar a ação do grupo chileno Mandrágora (“exemplo de integridade, lucidez, valentia”) e a colocar

em relevo os nomes de alguns poetas: os argentinos Aldo Pellegrini (“inteligência, sensibilidade, fervor”) e Enrique Molina (“uma obra, uma ilha, uma solidão”), os chilenos Braulio Arenas (“iniciador, teórico”) e Enrique Gómez-Correa (“um dos bons poetas hispano-americanos”), o venezuelano Juan Sánchez Peláez (“poeta vigoroso, original”), os peruanos César Moro e Emilio Adolfo Westphalen (“duas personalidades extraordinárias”) (1999:164-7). Quanto a “O começo da busca”, artigo do brasileiro Floriano Martins, une informação e sensibilidade, propondo um “registro fundamental de atividades” (1999:169) da poesia surrealista hispano-americana: elementos de história, as principais revistas e publicações, os grupos e suas diversas figuras, avaliação das obras, etc.

O livro encerra com uma série de artigos voltados para o conhecimento do surrealismo, país por país, constituindo-se em uma autêntica geografia surrealista do continente americano: do norte ao sul, começa com o Quebec, continua com as Antilhas, o México, o Peru e a Argentina para desembocar no Brasil, que merece três interessantes textos: dois artigos informativos e polêmicos (*Modernismo, vanguardas e surrealismo no Brasil*, de Valentim Facioli, professor de Literatura Brasileira na USP, e *Surrealismo no Brasil: mestiçagem e seqüestros*, de Sergio Lima, poeta, artista, professor, Doutor em Letras pela USP) e o emocionante ensaio do poeta Benjamin Péret sobre a obra plástica da mineira Maria Martins, em cujas esculturas “os três reinos se interpenetram, se condensam e completam, (...) anunci[ando] um mundo que ainda não existe” (1999:323).

Como é fácil perceber, trata-se de uma publicação pioneira, original que traz uma rica reflexão sobre uma importante dimensão das letras, das artes e da cultura do continente até então descuidada pela bibliografia. A qualidade do conjunto textual deve ser destacada: os autores foram escolhidos entre os melhores especialistas; os textos são extremamente informativos sem deixarem de ser de leitura agradável. O planejamento gráfico e visual merece irrestritos elogios: as inúmeras ilustrações que acompanham os ensaios convidam o leitor a

uma prazerosa viagem pela história do surrealismo (com a reprodução de diversos documentos e fotografias) e pelo universo plástico do surrealismo das três Américas (apresentando reproduções – várias coloridas – de obras de artistas como os cubanos Wifredo Lam e Augustín Cárdenas, o chileno Roberto Matta, o dominicano-espanhol Eugenio Granell, os argentinos Roberto Aizenberg, Noé Nojehowiz e Victor Chab, os estadunidenses Arshile Gorky e Gerome Kamrowsky, os quebequenses Borduas e Riopelle, os brasileiros Jorge de Lima, Ismael Nery, Teresa D'Amico e Maria Martins, sem esquecer os mexicanos Diego Rivera, Frida Khalo, Gironella e Tamayo).

Em suma, *Surrealismo e Novo Mundo* constitui um trabalho altamente inovador, de consulta obrigatória, que revela numerosos dados até agora pouco conhecidos ou mesmo ignorados e incentiva a reflexão em torno da identidade americana.

Bibliografia

PONGE, Robert (Org.). *Surrealismo e Novo Mundo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999. Ilustrado. 336 p.